CONHECIMENTOS UTEIS.

VOTO CONTRA A ILLUMINAÇÃO DE GAZ.

(*Carta.*)

Lisboa 28 *de março de* 1845.

4102 Li na *Revista* um artigo intitulado *Voto a favor da illuminação de gaz*, e se um artigo é um voto tenho a satisfação de no mesmo jornal ver tres contra um.

Concordo eu com o artigo emquanto affirma que as companhias teem rasão para se quererem metter n'esta especulação: creio de fé, são companhias estrangeiras, e tanto basta: mas em tudo mais, acho que o Sr. D. M. F. tem falta de dados ou recebeu informações pouco exactas.

« Deve-se considerar — diz elle — o quanto hoje é modico o preço do ferro. » Não é bem assim. Segundo as pautas novamente estabelecidas em Inglaterra paga o ferro que de lá sae mais 45 por cento de direitos, e tanto que todos os artigos de ferro teem subido mais de 600 réis por quintal, isto é, os comprados antes das pautas porque os que o forem depois necessariamente devem custar muito mais caro: ora com 45 por cento de direitos mal se póde dizer que seja modico o preço do ferro; salvo se valer como um argumento o dizer, que attenta a abundancia de dinheiro que ha nos mercados inglezes, é facil obtel-o com o juro de um e meio até tres e meio por cento.

Ora attenda-se bem: os depositos, tubos, registos e mais utensilios de ferro hão-de importar em cabedaes immensos, que hão-de saír todos da nossa bolsa; cabedaes immensos pelo seu valor real, e pelos seus direitos já muito altos nas alfandegas inglezas; depois a materia que ha-de dar o gaz de lá tem de vir tambem, egualmente comprada e egualmente carregada de direitos; preço e direitos que de anno para anno hão-de ir crescendo á medida que esta especie de illuminação se for espalhando por esse mundo; e todos estes damnos emergentes, acompanhados sempre de lucros nossos progressivamente cessantes porque o nosso azeite que paga nas nossas alfandegas 700 réis por almude ha-de affluir muito menos a ellas por lhe faltar o consumo da combustão.

E' incompreensivel a indifferença com que o autor do *Voto a favor do gaz* falla d'este ramo da nossa cultura, o azeite. Em Lisboa o consumo do azeite em uma noite escura de dezembro é de 100, em janeiro em egual noite é de 95, no mesmo mez n'uma noite clara, com luar, é de 50, em abril 75 e em junho 50, isto é só por parte da illuminação, que é hoje o em que mais azeite se consome, porque o que se gasta nos alimentos depende em grande parte de um dado muito incerto, como é a pescaria.

Diz o Sr. D. M. F. que a França, Allemanha, e Italia estão no mesmo caso que Portugal; porque todos estes paizes fabricam azeite; fabricam-n'o sim, mas não estão no mesmo caso.

O meio-dia da França tem azeite; e em todo o mediterraneo. Marselha é a cidade mais abundante d'elle; mas já o norte não o produz: e o consumo d'este genero para as fabricas é hoje lá tamanho, que ainda este mez o Sr. Torlades & C.ª mandaram para um porto francez oito mil alqueires de azeite: como é pois que o ha lá em abundancia e por preço muito desgraçado como em Portugal, se o que de cá lhes vae, paga direitos, seguros, transportes, commissões, cascos, mais direitos nas alfandegas para onde é exportado, armazenagem, e ainda com tudo isso deixa lucros aos especuladores! O azeite de nabo da Allemanha não é tão abundante como cuida o Sr. D. M. F.: annos ha em que chega até a ser escacissimo: e como é muito sugeito a corromper-se ninguem se mette a fazer d'elle monopolio. A Italia na verdade tem abundancia de azeite excellente, mas refinado como lá o costumam fazer, adelgaça-se tanto que pouco convem para luzes; sim as dá boas, mas consome-se muito n'ellas, razão porque duas cidades italianas adoptaram o gaz, deixando o seu azeite para os ingenhos das fabricas, onde elle tem preferencia por ser isento de materias salinas e mucilagens polmaticas, que por diversos modos damnificam o ferro dos mesmos ingenhos; d'estas materias porém abunda muito o nosso azeite, particularmente emquanto é frescal, que é o estado em que o exportamos quasi sempre; por ser então a fartura d'elle e andar mais baixo no mercado.

« Finalmente o gaz — diz o seu defensor — hade-se extraír do carvão portuguez pois na Figueira ha uma excellente mina d'elle. « O gaz da illuminação compõe-se essencialmente de bicarbureto de hidrogeneo que se obtem pela decomposição em vasos destilatorios, de oleo, ou de varias especies de carvão de pedra gordo e betuminoso: para que se possa obter o bicarbureto é preciso que haja uma substancia organica em cuja composição entre uma forte porção de carbone e hidrogeneo: a esta condição satisfazem os oleos fixos, as rezinas e o carvão de pedra gordo. Em Inglaterra, e particularmente em certas de suas minas, é que abundam estas especies de carvão de pedra, que na da Figueira se não encontra. Lá usam d'elle, para a extracção do gaz; ficando na retorta um residuo de carvão que se emprega depois como combustivel; portanto se quizermos a ostentação e farófia de nos allumiarmos com gaz ou havemos de mercar o carvão aos amigos inglezes, ou havemos de metter n'essa fabricação azeite ou rezina. ¿Que tal é a alternativa? E todavia é inevitavel. De V. etc.

*

MINAS DE CARVÃO DE PEDRA EM PORTUGAL.

Voto a favor da illuminação de gaz.

(*Carta.*)

Lourinhã 31 *de março de* 1815.

4103 Depois de ler o irrefragavel artigo n.º 4037 do Sr. D. M. F. a favor da illuminação de gaz, o qual só dá notícia da mina de carvão de pedra da Figueira, lembrei-me citar algumas pertencentes a este conselho.

Juncto á fonte de Miragaia se acha uma mina de carvão muito bom, do qual eu queimei hoje para meu uso na cosinha, e para experiencias analiticas, que me propuz com um Sr. chimico muito habil para lhe averiguar as propriedades. Tem a mina 20 passos de extenção: outras apparecem por perto em mais algumas partes: em algumas vinhas contiguas a ella encontra-se espalhado carvão e tão bom, como o inglez ou melhor. Parece que juncto á mencionada mina de Miragaia ha outra de gesso cristalisado por se encontrar este no mesmo carvão.

Na ribeira da Martelleira ha uma mina de excellente carvão. No caminho do Nadrupe para valle de Viga outra.

No da Marguiteira entre Merendeiro e Cazal-novo jaz outra, agora descoberta pela chuva.

Entre a Marteleira, e S. Thomé das Lamas outra, mesmo juncto a S. Thomé.

Ao pe da fonte de Montoito em terras chamadas do concelho outra cujo producto é muito proprio para cosinha; não tem gaz, e os camponezes que pouco caso fasem deste mineral, já usaram d'elle namorados do bom lume que fasia.

No alto da Galeana, na estrada e ao descambar d'esta para umas fasendas ha duas.

Tem apparecido carvão e se acha solto nas surribas do mar, e no sitio de Pae-Mogo; logares ha que indicam minas de carvão, que talvez apenas estejam cobertas de terra.

A verdade é que todo este sólo me parece ser uma só mina de carvão de pedra; se ella se explorasse e lavrasse sería utilissima a estes póvos, tanto pelos proventos do minar, como pelos fornecer de combuivel de que tanto carecem. Para o fabrico dos tubos e mais aprestos de ferro para a illuminação, temos além das fundições e forjas de Lisboa e Porto a fabrica de ferro de Figueiró dos Vinhos, a qual trabalhou muito, e ainda ha pouco, tinha os fornos, os praticos da fundição, e todo o arranjo em estado de servir; tem junto um immenso campo d'onde se tira cepa, e havia arvoredos plantados que hoje estarão grandes, tudo para o mesmo fim; com pouco se punha em actividade a fundição.

A mina é abundantissima, mulheres e rapases apanhavam grossos fragmentos, quando ha poucos annos trabalhava. Se não bastarem as minas, que disse dou noticia de outra que ha antes de Torres-Vedras no caminho que vae das pontes; a sua superficie é muito extensa, e de tal modo é abundante que alé ha ahi um moinho, cujas paredes são feitas de grossas pedras d'este mineral. *Padre M. E. S. Almeida.*

ENVENENAMENTOS.

AVISO A BOTICARIOS.

(Carta.)

4104 Parecendo-me interessante um acontecimento, que refere o *Jornal de Pharmacia e Quimica* de París do corrente mez de março, remetto a V. o transumpto para ser inserido nas columnas do seu bello jornal, se achar que d'isso seja digno.

Um caixeiro de uma loja de farinhas achando-se doente, mandou chamar um medico, que lhe prescreveu 30 *gottas de tintura de colchico*, para tomar n'um copo de chá de tilia. A mulher do doente corre com a receita clara e legivelmente escripta a uma pharmacia proxima. O chefe do estabelecimento estava ausente, a viuva de seu predecessor tinha em casa um praticante. Por uma fatalidade deploravel o rapaz em logar de 30 *gottas* deitou no vidro 30 *grammas de tintura de colchico*. O doente, tendo tomado a dose de uma vez, pereceu vinte e quatro horas depois.

Os tres responsaveis d'este delicto foram condemnados pela policia correccional, como culpaveis de homicidio involuntario, a pagar 200 francos de multa, e 400 francos de pensão á viuva e filhos do desgraçado envenenado.

Eisaqui agora uma curiosa estatistica toxicologica de *Nova-York*.

N'uma relação de envenenamentos, que houve em *Nova-York*, em 1841, 1842 e 1843, citam-se 83. Referidas as especes de venenos empregados, são destribuidos da marneira seguinte:

Laudano	39
Arsenico	14
Opio	10
Tintura de Sanguinaria	4
Morphina	3
Sublimado corrosivo	3
Acido sulfurico	2
Elixir paregorico	1
Emetico	1
Alcool	1
Agua-ardente, alcool e laudano	1
Strychnina	1
Acido prussico	1
Phosphoro	1
Carbonato de potassa	1
Total	83

De todos estes casos de envenenamento 48 foram por propinação; 28 resultado de erro ou ignorancia; 2 por suicidio; 5 de origem desconhecida.

Conclue-se por esta taboa, que os venenos, as mais das vezes usado, são o opio e o arsenico. As menores doses de arsenico ingerido foram de quatro grammas, e as maiores de oito grammas. O menor espaço de tempo decorrido desde a introducção do veneno no estomago até á morte, tinha sido de quatro horas; e o mais longo de dois dias.

Vicente Tedeschi.

APROVEITAMENTO DAS PLANTAS NOCIVAS PARA ESTRUME.

4015 Todos sabem o damno, que fazem certas plantas á agricultura, por exemplo, a gramma, a ortiga, e outras. A sciencia porém descobriu um meio de nos utilisarmos d'ellas, fazendo-as servir optimamente para estrume. Espalham-se pela terra, que se quer semear, antes de se preparar para esse effeito, as plantas damnosas á agricultura, e deita-se-lhes por cima cal bem forte; isto se praticará tantas vezes, quantas forem as camadas de hervas nocivas; passado dois dias se cavará a terra, amanhando-a, para a sementeira: tem-se duas vantagens, estrume bom e as sementes do grão expurgadas do bicho.

Izidóro José Gonçalves.

ALVITRES A FAVOR DOS EXPOSTOS.

(Carta.)

Castello-Branco 31 de março de 1845.

4016 Não lhe envio uma larga dissertação sobre a educação dos expostos: nada mais que algumas idéas sobre tão importante assumpto, as quaes já expendi nas consultas e relatorios da juncta geral deste districto, nas sessões de 1842 e 43, em que me foi confiado aquelle trabalho.

E' para lamentar, que a nossa legislação antiga e moderna não proveja sobre a educação dos expostos dos 7 annos de sua edade em diante.

Salvar das garras da morte estes filhos do estado, estes entes desvalidos, é por assim dizer meia cari-

dade, mas abandonal-os quando chegão aos 7 annos, é tyrannia, é desleixo imperdoavel, é concorrer (ao menos indirectamente) para os meter na estrada do vicio, e dos crimes!! crianças de 7 annos, que se veem no mundo sem arrimo algum, sem meios de viver, sem conhecerem pae, nem mae, nem irmãos, nem parentes que os tratem na molestia, que os consolem na desgraça, que os encaminhem neste labirinto da sociedade, que hão de fazer???!!

Mendigar para não morrer, ou entregar-se nas barbaras unhas d'alguma *Chouette* como a de que falla Eugenio Sue nos *Mysterios de París*, a qual quando mandava pedir esmola uma desgraçadinha ao seu cuidado a espancava primeiro para com suas lagrimas arrancar soccorro á sensibilidade; — arrastando assim a malfadada e misera existencia na mais abjecta indigencia, ou no lodaçal immundo dos mais infames vicios.

D'esta arte lhes vae correndo o tempo, que devêra ter sido empregado em aprender algum mister, na instrucção primaria e em alcançar o habito do trabalho e por isso quando attingem a puberdade se acham uns vadios.

E que póde esperar-se destes vadios e ociosos?!

Dos de melhor indole, que continuem (quaes parasitas) a chuchar a substancia da sociedade por meio da mendicidade: ou a suportarem os caprichos e maus tratamentos de quem delles se apossou como de bestas de carga (salvas as excepções em honra da humanidade).

Dos de má indole nada mais se póde esperar, senão que os homens se deitem a roubar e as mulheres se prostituam.

Não são os paes responsaveis pelos filhos quando despresam sua educação e não curam de seu estabelecimento? Ora os expostos sendo filhos do estado; este pelos seus representantes nos poderes, é responsavel pela desgraça dos expostos e por seus crimes e vicios.

Parece-me pois que uma previdente e sã politica poderia tirar grande proveito dos expostos a prol da prosperidade publica.

Mas de que modo?

Tanto que elles completassem os 7 annos deveriam ser recolhidos em asylos ou casas pias estabelecidas nas maiores terras do reino, havendo ao menos uma em cada provincia, em quanto senão podessem crear outras em todas as capitáes de districto; — onde apprenderiam as primeiras letras e as noções elementares da religião, e da moral e depois aquelles officios e artes para que mostrassem mais tendencia e aptidão fisica.

Da classe dos artifices invalidos e indigentes se poderiam tirar mestres para os asylos; os quaes, não podendo já com um trabalho aturado, estimariam muito achar este suave emprego á sua industria e saber, e por um modico salario.

Os alumnos que dessem provas d'ingenho transcendente deveriam ser mandados para a capital do reino, afim de se aperfeiçoarem na sua respectiva arte, n'um asylo para esse fim destinado e provido dos melhores mestres; e deste modo se crearíam aptidões e capacidades distinctas, que seriam como o vehiculo por onde se derramassem na sociedade os conhecimentos uteis.

Muito e muito conviria tambem o estabelecimento de fazendas para modelos de boa cultura no paiz (*fermes modèles*) onde se reunissem os mais robustos expostos debaixo da inspecção e direcção de habeis agricultores; tanto deste asylo como dos outros sahiriam logo que completassem 20 annos para servirem no exercito 4 até 5 annos; e desta arte os filhos do estado pagariam uma divida sagrada para com o pae desvelado e carinhoso, que lhes salvara a vida e os educara. Não veriamos arrancar da lavoura e das artes tantos braços, que nellas utilmente se empregam, para recrutamento.

Mas será isto um bello ideal!! nada mais que um sonho?! não por certo.

Os expostos maiores de 7 annos reunidos em asylos hão de produsir valores, que, se não chegarem para sua mantença, de tenues auxilios carecerão.

Mas como dar-lhos, se a nação póde tão pouco com encargos novos!

Supprimão-se algumas confrarias a bem d'aquelles estabelecimentos; quotisem-se ás misericordias as quaes pelo seu compromisso e institutos, estão obrigadas a estas despesas. Outorgue-se-lhes facção testamentaria passiva, dê-se-lhes alguma parte nos objectos de contrabando apprehendidos, concedão-se-lhes os vinculos que vagarem para o estado e outros bens nacionaes, que muito bem applicados seriam para tão util e pio intento, algumas loterias; em fim outros e melhores alvitres poderão lembrar ao genio e talento: e na falta destas qualidades me acceite a classe misera dos expostos os meus cordeaes desejos de melhorar sua desgraçada sorte.

Fernando da Costa Cardozo Pacheco e Ornellas.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

PADRE SEBASTIÃO BARRADAS.

14 DE ABRIL DE 1615.

4107 Um dos mais venerados oraculos da theologia escholastico-jesuitica foi este Padre Sebastião Barradas. — Nasceu em Lisboa em 1542; e quanto contava 16 annos de idade, e a companhia não mais de 18 de fundação, tomou a roupeta na casa de S. Roque a 27 de septembro de 1558. — Em quanto seus irmãos e companheiros atravessavam em cardumes os já então mui navegados mares, mas nem por isso mais mansos, ou menos procellosos, para seguirem por essa Azia as pisadas do Sancto Xavier, Sebastião Barradas, cultivava as linguas grega e latina, estudava as subtilesas da philosophia, os mysterios da theologia, e com universal applauso, que brevemente se converteu em assombro, interpretava as escripturas nos dois famosos collegios de Coimbra e de Evora. — As repetidas impressões dos seus *commentarios* dos livros sagrados, que sairam dos prelos portuguezes, e dos de Colonia, Antuerpia, Moguncia, e Leão de França são documentos do quanto o espirito de Barradas dominou nas eschólas d'aquelles tempos. — Foi além d'isso prégador insigne; e conta-se que por efficacia de suas palavras havia muito quem ao sair do sermão ía direitinho a algum convento vestir o habito religioso. — Com estes dotes escusado será perguntar se foi virtuoso e sancto. Os historiadores da companhia nada deixam que desejar n'este capitulo, sempre o mais extenso, e o mais miudo de suas biographias.

— Passou d'esta a melhor vida no collegio de Coimbra com 73 annos, aos 14 de abril de 1615.

J. H. da C. R.

INSTAURAÇÃO DO CONVENTO DAS FRANCEZINHAS EM LISBOA.

17 DE ABRIL DE 1667.

4108 Como por uma d'estas fantasias que a moda tem de seu natural, a egreja das fancezinhas de Lisboa se acha sendo ao presente a que mais triumpha nas festas grandes e a que mais frequentam as damas, e cavalheiros da sociedade alta, das assembléas, dos clubs, e dos theatros, tive que poderia não ser desaceita a seguinte noticia das origens d'aquelle convento: —

Aos 17 de abril de 1667 que foi Domingo de Pascoa, entraram para o seu hospicio as religiosas capuchas francezas, vulgarmente denominadas — Francezinhas — sito na calçada da Estrella, fronteiro ao mosteiro de S. Bento da Saude, o qual lhe mandou fazer a rainha D. Maria Francisca.

No convento das religiosas capuchas flamengas, em Alcantara, tinham sido recolhidas estas religiosas quando vieram de Pariz para Portugal, e d'alli passaram para o convento de Nossa Senhora da Piedade, da Esperança, da mesma ordem de S. Francisco, sendo transportadas em coche, e acompanhadas pela Marqueza de Castello-melhor, camareira-mór da rainha, e de seu filho o Marquez do mesmo titulo, e diversos fidalgos da côrte, e do vigario geral do arcebispado.

D'este mosteiro da Esperança no dicto domingo 17 de abril, pelas tres horas da tarde, com assistencia do mesmo vigario geral, saíram aquellas religiosas francezas, que eram quatro, conduzidas cada uma em coche separado por quatro senhoras da primeira nobreza, que eram as Marquezas de Niza e Gouvea, e as Condeças de Castello-melhor e Sancta Cruz, esposa do mordomo-mór da rainha, e acompanhadas dos seus gentis homens e criados se dirigíram á egreja do mosteiro de S. Bento.

Ali as estavam esperando grande parte da nobreza da côrte e as communidades de S. Francisco da Cidade, de Xabregas, e os Terceiros de Nossa Senhora de Jesus; e não estavam das outras corporações religiosas, porque só se quizeram as da ordem de S. Francisco. Entre as pessoas notaveis que assistiram a esta funcção, sobresahia o Bispo de Targa, eleito de Lamego, capellão-mór da rainha.

Exposto o Santissimo Sacramento, em quanto os musicos da real camara cantavam o — *Tantum ergo* — ordenou-se a procissão, levando o Santissimo o dicto Bispo, e as varas do Palio os Condes de S. Lourenço, Sancta Cruz, Villa Verde, Pontevel, Villar Maior, e Rui Fernandes de Almada, presidente da camara de Lisboa. Os religiosos e terceiros de que acima fallámos, estavam postos em ala com vellas na mão, desde a egreja do mosteiro de S. Bento, até o hospicio das religiosas; e pelo meio ía passando o Palio, acompanhado dos musicos, e atraz d'elle seguiram-se as religiosas cada uma conduzida pelas senhoras nomeadas e por um religioso francez do convento da Porciuncula, edificado na rua da Esperança, hoje queimado. Dentro da egreja estavam revestidos os religiosos do dicto convento, e na tribuna a rainha D. Maria Francisca, e juncto do altar mór as suas damas de honor. Posta a custodia no altar pelo dicto Bispo, subiu ao pulpito o Reverendo Padre da Companhia de Jesus, confessor da rainha, e finda a oração recolheu o Bispo ao Sacrario o Santissimo, e terminou-se a funcção. A rainha esteve todo o dia no hospicio examinando as diversas officinas d'elle.

No dia seguinte, segunda feira, dia de Nossa Senhora dos Prazeres disse a primeira missa o mesmo Bispo de Targa com a solemnidade que permetia o espaço da egreja que é limitado.

A. da Silveira.

MASILGADO.

II.

Vivi contente em quanto vida teve...
Em quanto, digo, amor, vida tivestes...
Vivi contente, que este tempo breve
Para tractar comvosco vós m'o destes.

Quevedo, *Affonso-Africano.*

UM AR RUIM.

4109 Chovia a bom chover, se Deus a dava!

Era de inverno, por meado fevereiro de 1671.

Chovia e ventava com tal ímpeto, que parecia que se acabava o mundo. O mar empolado vinha quebrar-se e desfazer-se em espumas de neve por cima dos penhascos verde-negros da praia, com um bramir tão medonho!...

Hia uma noite de tormenta verdadeira, noite para rezar e pedir ao Senhor pelos tristes infelizes, que andassem, talvez em perigo, sobre as aguas desarvorados e sem rumo, — ou então para se levar, como a levava o bom de Salvador Soares, ao pé da sua linda Catharina, e da sua innocente filhinha, a conversarem á roda do lar, e de uma fogueira bem esperta, que temperava com seu calor o ar gelado e subtil, que havia n'aquella mal reparada cosinha, e que cortava tão fino como o proprio fio de uma espada.

D'esse modo, sim: ainda se podia passar alegremente o serão, — e bem alegres estavam os dois esposos, que fasia gosto, que dava consolação vel-os.

Masilgado já se não podia dizer que estava na flôr da vida, que tinha os seus quarenta e tantos annos bem estirados, mas era uma nobre figura de homem. Alto, gentil, alvo do rosto, barba e cabellos castanhos, e com uns olhos serenos e tão resplandecentes da candura de sua alma, que bem se conhecia n'elles que sempre haviam de ser leaes as palavras que d'aquella honrada bocca lhe sahiam.

Era um espelho de bizarria e boas partes; era trigo estreme e sem joio. Dado ao commercio para além-mar desde a mocidade, conseguira sómente pelos seus esforços, um avultado cabe-

dal de terras e alfaias, e de dia em dia, lidava na sua porfia de legar um dote á sua formosa Joanna, que a avantajasse ás mais riccas herdeiras de entre o Doiro e Minho, — á sua formosa Joanna, a estremecida filha, que fôra o primeiro e unico fructo do amor, que tinha á mulher, que Deus lhe déra para eterna companheira, a senhora Catharina Sodré, que havia só quatro annos, que recebêra no sagrado altar da egreja matriz de villa do Conde. E queria-lhe tanto e com tão singella fé!....

Catharina Sodré intalhara no coração de seu marido uma d'aquellas affeições, que nunca morrem. Ou tinha de fazer-lhe as delicias, a doçura da vida, intendendo-lhe e pagando-lhe o seu amor, ou de verter-lhe n'ella, a gôta e gôta, o fel da desgraça, se o enganasse e lhe fosse infiel.

E é clara e bem certa esta verdade. Quando o homem cahiu como escravo aos pés da mulher....

Deus nos fade bem e nos ponha longe de sereas que encantam. Inda que é perciso ter a gente crença n'ellas.

Eu tenho-a.

— Catharina, — dizia *Masilgado*, curvando-se um pouco e conchegando com a mão direita um tição, que se desmantelara da fogueira, e que rolara para fóra do brazido, em quanto com a esquerda amparava e cerrava contra o peito a querida filhinha, — Catharina, que bemdicta felicidade não gosamos nós aqui!...

— Isso gosamos, — lhe respondeu a esposa com uma brandura de voz, que inlevava, — felicidade, como a nossa... não n'a ha, não n'a póde haver. E' para se nos ter inveja.

— E', Salvador. Tens razão.

— Pois não é? Estar uma pessoa assim conversando, a rever-se um no outro, como nós nos revemos.... e Jesus, Catharina! olha que não é para nenhum homem por todo esse mundo de Christo, regalar-se de poder dizer, como eu digo, sou ditoso, muito ditoso, muito!

— E és, e somos. Louvado seja Deus para sempre.

— Para sempre, amen. Catharina, — proseguiu elle depois com toda a bondade de sua alma a rever-lhe no rosto, — Catharina tu amas-me?

— Amo, amo-te, como.... como nem t'o sei explicar.

E sorria-se, sorriam-lhe os labios, mas nos olhos.... ai! que desmentia nos olhos o que tão afoitamente jurava!

« O mal e o bem á face vem » é um rifão antigo e certissimo; porém o rosto de uma mulher encobre e encerra, ás vezes, mysterios tão intimos, que poucos... que nenhum homem, que d'ella esteja captivo terá poder de lh'os decifrar. *Masilgado* adorava, como um louco a esposa, e cria n'ella. Ora! pois podéra não crer!

— Tu dás comigo doido, Catharina.... por força! essas tuas fallas tem um encanto!... Catharina eu morro por ti.

E calaram-se por um instante; mas nos seus olhos — radiantes, como se reflectissem as lavaredas do fogo que juncto d'elles crepitava — trocavam-se mais sentimentos, mais frases, do que a bocca poderia fallar, — nem as fallava, não, que não sabia.

— Ouve, Catharina, repara n'isto, que te digo agora, — continuou elle, — eu quero-te, respeito-te, se póde dizer, como a Deus... Não sei se pecco, talvez; mas penso que não, que te posso adorar a ti na terra, tão devoto, como adoro o Senhor, que está nos céus.

— Marido, marido da minha alma — lhe tornou a esposa, como que maravilhada do muito que n'aquella vontade podia, — dizes coisas!...

— Digo o que assim é. E que? não será? responde.

— E', é, para minha ventura.

— E para minha tambem. Ainda mais. Pois não te lembras, ricca mulher minha, d'aquelle dia bem estreado, em que, de primeiro te vi? era um sabbado de Nossa Senhora; e por signal 18 de abril — o mez das flores, — tenho-o cá bem presente na memoria. E quando meus olhos se encontraram com esses teus, Catharina, com teus olhos tão lindos e de tanta brandura.... oh! que foi então o accender-se-me no peito um fogo, que me queimava o sangue.... foi então o tomar-me um certo quebranto, o Senhor m'o não leve a mal, que tu — disse elle meio serio meio a sorrir — que tu és uma tal feiticeira... oh! se és, que eu bem no sei.

— O que eu sou... sou uma mulher, que te ama de veras.

— E para isso não és estremecida tambem? Antes de eu te haver topado no mundo, sempre andava triste, sempre. Faltava-me.... não te posso dizer o quê. E tu vieste alegrar-me, lançar-me na vida uma luz tão doce e de tanta consolação, como a da estrella de San' Telmo, que me appareceu — era eu bem moço — sobre o mastro da caravella, n'uma noite de temporal desfeito, em que andámos quasi perdidos.

— Nunca me contaste essa historia.

— Não, nunca. Heide contar-ta outra vez; mas agora fallemos de quando estavamos para nos casarmos. Lembras-te? eu fui logo pedir-te a teu pae; e mais tu eras. . . . .

— Era a pobre filha de Miguel Sodré da cidade do Porto, — respondeu ella com os olhos baixos, — que algum dia, teve tanto de seu e que ao cabo. . . . foi como Pedro-Cem.

— Catharina! hoje és a mulher de Salvador Soares, do *Malsigado*, como por ahi diz que me chamam; hoje és a dona e senhora direita de muitas e boas terras, que por essa beira-mar nos dam trigo do melhor, e *qu'o farte* Tens alli n'aquelle aposento duas arcas atacadas de sedas e damascos, de prata e oiro e pedrarias tambem. Hoje és. . . .

— Sou tua mulher, Salvador. Que mais devo eu desejar?

— E és a mãe da nossa filhinha, da nossa formosa Joanna.

Masilgado parou aqui, e ficou-se a contemplar as feições da pequena, que embalada suavemente no balouçar de seus joelhos, sobre que estava assentada, lhe reclinara o candido e rosado rosto contra o peito e pegara n'um somno tão repouzado e brando, que só podia assemelhar-se ao dormir de um seraphim sobre a nuvem transparente, — de umas, que ha côr de madre-perola.

E que doce inlevo não seria ver aquillo tudo! a filha, o pae a propria mãe, tão contentes ao que mostravam, com a sua sorte. . . .

Oh! quem soubera ser pintor, que punha aqui, sem mais demora uma *illustração* á moda, para os meus leitores se regalarem de os vêr bem claramente como os eu agora cá estou a imaginar.

Salvador Soares estava infeitiçado com as mimosas feições da sua filha, da *sua bonitesa*, como elle, ás vezes, costumava dizer-lhe. Depois de a admirar por mais alguns momentos, beijou-a muito ao de leve, tornou-a a beijar, correu-lhe a mão ligeiramente por cima dos cabellos loiros e finissimos, que lhe caím espalhados pelo colozinho, que parecia feito de cera, e que eram mesmo como aquelles *crespos fios de oiro*, em que falla o nosso grande poeta, — e começou a balouçar de novo os joelhos — não para a adormecer — agora para a acordar, que já tinha saudades de lhe vêr sorrir aquelles olhos, e poz-se a cantarolar a meia voz certa cantilena, que já por esses tempos se usava:

Joanninha, vôa, vôa,
Vae a teu pae a Lisboa
Que. . . . . .

— A Lisboa! — interrompeu Catharina Sodré.

— Credo, mulher, — atalhou elle, — de que te espantas?

— Eu. . . .

— Elle, a fallar a verdade. . . .

— Pois então? . . Espantei-me. . . . admirei-me, quero dizer, affligi-me de vêr — continuou ella com tanta serenidade, como se nada fóra, — fez-me dó que procurasses despertar essa creança do somno, em que está. Olha. . . . olha. . . . valha-te Deus! já ella parece que estremeceu. . . . acordastel-a, vês? ora vistes?

Com effeito a pequena erguera a cabeça, descerrara suavemente as palpebras, e amostrara n'um curto bocejo os seus dentes cristalinos, que branquejavam, que era um primor, de entre os labios humidos e de carmim tão vivo, que se podia diser natural.

— Anda, Salvador, anda, — disse Catharina Sodré — váe depressa leval'a para o seu bercinho, deita-a e cobre-a bem, que se não resfrie, anda, vae.

— Vou, vou já.

E *Masilgado* ergueu-se; beijou novamente a *sua bonitesa*, e foi-se pé-ante-pé, com muito cuidado para não lhe espalhar o somno, foi-se lá para o interior das casas por uma porta que abriu de modo, que não fisesse ruido.

A filha de Miguel Sodré ficou só.

Como que procurando desassombrar-se de uma pesada mascara de alegria e felicidade, que em presença de seu marido era obrigada a trazer, deu um ai tão sentido e fundo, que parece que lhe vinha envolta n'elle a magoa, que trasia soffocada no mais intimo d'alma. Suspirou, e caíu-lhe uma vizeira de melancolia, na verdade, para faser pasmar.

E qual seria a causa de tal mudança?

Ai, quem déra poder sabel'a. Porém qual! era um misterio! . . . . era um negro misterio, que não tardará muito que se não rasgue, e então. . . . então ha-de vêr-se, mais claro do que a luz do dia, o que tão escondido andava com a formosura de Catharina.

Oh! ella era com effeito formosissima!

Um rosto palido como o de uma d'estas imagens de alabastro, que ha pela ermidas; uns cabellos pretos ennastrados e toucados por um gentil barrete de *grãa*: uns olhos, ora vivos, como o lume, ora quebrados e turvos de languidez; uma bocca, que tantas vezes disfarçava o que ixu-

me com o sorriso, e que palavra que désse era palavra de rei, que se havia de cumprir á risca, e um colo de neve, comprimido pelo *chamalote*, de seda azul, que então se trajava, — acho eu que se trajava, — ainda assim; pelo menos contou-nol-o, e em lettra redonda, certo prégador afamado d'aquelle tempo, que tambem tinha seus fumos de archeologo

Se mentiu, por alma lhe preste.

Vamos adiante.

O que mais emfim captivava n'esta linda mulher dos meus peccados era um tal requebro, um tal não sei quê do namorado das *odaliscas*, como por ahi as vemos pintadas n'esses livros de contos orientaes.

Aquella, penso que sería capaz com suas artes de faser curvar a seus pés o mais altivo homem que houvesse.

Com tanta formosura, com sós vinte annos de edade, e com tanta. . — digamol-o emfim — com tanta ruindade no coração!...

Era como o aspide que se deita em cama de flores, e traz peçonha comsigo, era.... — se não ficasse mal á singellesa d'esta minha historia, comparava agora a senhora Catharina Sodré com a *Cecily dos mysterios.... de Pariz.*

Hia-me enganando. Elles são tantos já!

— Sancta Barbara! credo! — bradou de repente Catharina, e correu a cerrar o postigo da janella, que uma rajada de vento arrombara com estampido, que parecia ser de um trovão.

No mesmo instante entrava *Masilgado* na cozinha.

— Que tens tu, querida mulher, que tens?

— Nada. Lhe volveu ella mais senhora sua, e tornou a assentar-se á fogueira.

— Como ouvi que gritavas....

— E' que tomei susto.

— A quê?

— A' tempestade.

— Ora não verão estes sustos da minha.....

E *Masilgado* não acabou, porque o mais da phrase disse-lh'o n'um beijo prolongado, que se foi casar com outro, que sua esposa lhe offereceu.

E o vento assoprava então com furia tal, que fasia arripiar os cabellos.

Tambem uma noite d'inverno semilhante!...

A chuva a cahir, como quem a lançava em jorros do céu. O mar a bramir, como um toiro bravo, e os maçaricos a piarem, a piarem, açoitados pelas vagas!...

Mas que importava isso tudo aos dous affortunados, que gosavam n'esse beijo quanto ha, quanto pode haver de realmente deleitoso n'este mundo?

— Ai! ai, Salvador, que não sei que tenho... — gritou subitamente Catharina, affastando-o, e arrancando-se dos abraços de seu amante, — ai!!...

— Pois que sentes, que é?... — lhe perguntou elle erguendo-se de salto, e com a voz a tremer-lhe de afflicção.

— Não sei... e Jesus, Salvador....

— Porém que sentes?

— Ai.... é aqui.

— Onde, aonde?..

— Aqui.

E toda a sua lida era pôr a mão sobre o lado esquerdo.

— Deixa ver.... pois é?...

— Não sei... mas ai, que eu morro...

— Que dises... oh!...

— Morro.

E cahiu-lhe nos braços, descorada, como uma cidra.

— Catharina.... Catharina... ah! não me respondes?... filha.... Catharina....

A infeliz não podia fallar. O ar do tufão gelara-lhe o sangue. Uma dôr aguda, fina, de morte se lhe incravara na ilharga, e suffocada, quasi sem respiração combatia, despedaçava-se em ancias crueis.

— Accudam, accudam, exclamou Salvador, quasi a chorar.

Palavras não eram dictas, eis a entrar por alli dentro um homem alto, magro, calvo e vesgo de um olho, que andaria por sessenta e cinco annos.

— Que tem vossa-mercê, meu senhor!.. — lhe perguntou elle com uma falla trémula, e como de quem vem assustado.

— Vê esta desgraça, Gonçalo...

— O' minha senhora!...

E o velho atou as mãos na cabeça.

— Gonçalo... é minha mulher ás portas da morte....

Continuou *Masilgado* a soluçar.

— Sancto nome de Deus! pois ella então...

— Ai! balbuciou a desventurada, e resvalando do peito do esposo, levou as mãos ambas ao seio, caiu redondamente e rolou, sem alento, pelo sobrado.

Salvador ficou doido. Recuou, corria de um lado para o outro sem tino.... lançou-lhe uns olhos de espavorido, quiz ficar, mas não teve animo — nem sabia o que fasia — e fugiu d'alli.

a arrepellar-se, e desatando a gritar como furioso:

— Passou, passou . . expediu.

O pobre de Gonçalo *barbudo*, que tal era o sobre-nome do velho servo, atordoado, varado com tudo o que estava vendo, tambem não dava pelo que fasia. Lembrou-se de seguir a seu senhor, que tanto venerava e a quem tanto queria, porém Catharina. . . oh! era preciso salval-a primeiro, — salval-a, se ainda fosse tempo.

Correu a ella, sopezou-a com força, tomou-a nos braços, ergueu-a. . . .

Baldados esforços!

Pereira da Cunha.

A FESTA DA NATURESA.

Traz gala o monte; os valles se alcatifam;
Ri-lhe o céu todo, a natureza é della!
A. F. de Castilho. — Primavera.

4110 Do monte as nuas espaldas
Já se vestem de esmeraldas,
Onde a aurora vem chorar;
Perde o céu antigas iras,
E já se alastra em saphiras,
Que, manso, retrata o mar.

Já do seio da floresta
Se escuta um hymno de festa
Ao erguer, e ao pôr do sol;
E' a lira das ternuras,
Que desfére entre verduras
Trovador o rouxinol.

Pula o cabrito na veiga,
Arrulha a pombinha meiga,
Sae a roza do embrião;
Arde o peixe no oceano,
E no bosque o tigre hircano
Acordou com coração.

Das balsas nos ninhos novos
A mãe plumosa aos seus ovos
Dá do peito almo calor;
Leva o zagal á zagala
Um malmequer, que lhe falla
As fallas do seu amor.

Remoçado a ruga e ruga
Sancto velho as cãs enxuga
A' restea do seu casal;
Nas lettras da natureza
Ora soletra a riqueza,
Ora a pobreza annual.

Das boninas ás violetas
As pintadas borboletas
Andam doidas a saltar;
Que voadoras florinhas!
Dizem, rindo as creançinhas,
Morrendo pelas caçar.

Na corrente chocalheira
Vai a flor da amendoeira,
Que fresca briza apanhou;
Mas, tão travêssa como ella,
Colhe-a n'agua uma donzella
E — ¡ Primavera! — bradou.

Primavera! Primavera!
Brada o homem, brada a féra,
Vendo-a na terra, e no céu;
Tudo é gala, tudo é riso,
Que um risonho paraiso
Nos amostra o erguido véu.

Sê bem vinda, sê bem vinda,
Tu do anno, ó noiva linda,
E mocidade, e prazer;
Traz-me aquellas tardes tuas,
Aquellas noites e luas,
Que fazem o teu poder.

Sê bem vinda, minha amada,
Toda em perfumes banhada,
Toda alegria e frescor;
Quero cingir-te um abraço,
E depois no teu regaço
Adormeça o trovador.

J. de Lemos.

NOTICIAS.

FESTA REAL E NACIONAL.

4111 Não é dado imaginar funcção em Lisboa mais pomposa e completa do que foi hontem, 8, a da imposição dos Sanctos oleos na baptisada Sr.ª Infante D. Antonia.

Mas porque a descripção exacta de todas as partes d'esta festa nos tomaria necessariamente quasi toda a nossa folha não querendo dar de um painel riquissimo uma idéa falsa e mesquinha por uma copia resumida e sem côres, remettemos os curiosos para todos os jornaes, a quem suas dimensões consentem o que a nós nos não é possivel: e principalmente para a *Illustração*, que segundo ella mesma prometteu, nos deve appresentar tudo aquillo em descripção e em figura.

Por nossa parte limitâmo-nos em estampar a cerca dos coches a seguinte breve carta de um nosso inexgotavel antiquario.

SOBRE OS COCHES DO BAPTISADO.

(Carta.)

Lisboa 9 de Abril de 1845.

4112 Na presente occasião, em que diversas são as vozes populares, ácerca dos coches, que serviram na ceremonia dos Sanctos Oleos, que se celebrou na Augusta Pessoa de S. Alteza Serenissima, a Senhora Infanta D. Antonia, me parece opportuno enviar a V. estas poucas linhas.

No anno de 1581, quando Filippe 2.º, o *prudente*, de Castella veiu a Portugal, é que trouxe os coches (chamados estufas) para seu serviço; e desde esse tempo se ficaram usando estes na casa real. Desde El-rei D. Affonso 1.º o *conquistador*, até o cardeal rei

D. Henrique, o *casto*, os monarchas Portuguezes andaram sempre a cavallo, ou em andas (leito, ou cadeira portatil).

O Abbade Castro.

A ILLUSTRAÇÃO.

4113 Illustração se intitula um periodico recreativo, que em Lisboa se principia a publicar, com grande numero de gravuras e nitidez typographica, para entre nós, muito notavel. No dia dos annos de Sua Magestade appareceu o primeiro numero, em que se contém, além das estampas, os seguintes artigos: — uma introducção; typos portuguezes, primeiro artigo, o gallego, pelo Sr. A. Herculano; o palacio do Diabo; poesia, moralidade; theatros pelo Sr. Silva Leal; chronica lisbonense pelo mesmo; enigma pintoresco pelo mesmo.

Recommendamos instantemente a leitura de todos estes artigos, e ficamos aguardando anciosos pela continuação. Cada semana sairá uma folha; cada quatro folhas comporão um numero; cada doze numeros um volume. O preço da Illustração é espantosamente modico: por anno 1:440 réis; por seis mezes 720 réis; por tres 360 réis: avulso 30 réis.

OS TUMULOS.

4114 Empreendeu uma sociedade de mancebos artistas, publicar em lithographia os principaes monumentos funebres do cimiterio de Nossa Senhora dos Prazeres, em Lisboa, acompanhando a cada desenho uma breve noticia explicativa.

Sairá esta obra periodicamente; de quinze em quinze dias cada numero; contendo dois tumulos: em papel velino, colorido e a dois lapis. Não se vende avulsamente, só se obtém por assignatura, que é por anno 2880 rs.: por seis meses 1560 rs. e por tres 840 rs.

A correspondencia dirige-se franca de porte ao escriptorio da redacção, calçada do Collegio n.º 14.

Publicou-se o primeiro numero com uma rica introducção escripta pelo Sr. José da Silva Mendes Leal Junior, mostrando a conveniencia moral d'esta empresa, que á primeira vista poderia não parecer senão artistica. Sentimos não podermos copiar algumas páginas das suas tão poetisadas de consciencia e tão floridas de casto amor: sentimol-o até porque por ellas está revendo uma convicção intima, sobre ponto capital, que não foi sempre nossa, mas que é nossa ha muitos annos, e já agora inabalavel, a saber — que entre os mortos e os vivos ha uma associação perpetua de interesse mutuo, egualmente demonstrada pela fé, pelo senso intimo e pela philosophia. E' uma verdade civilisadora que nunca será demasiadamente repetida. Por nossa parte em todas as occasiões opportunas n'ella havemos de insistir, posto já lhe tenhamos dado, só nós á nossa parte e só n'este jornal, muito maior desinvolvimento, que todo o restante da imprensa portugueza contemporanea. As provas (já que chegámos ao termo de ser necessario faser-se cada um justiça, por suas mãos, se a quizer ter) as provas ahi estão nos nossos artigos 33, 133, 2261, 3589, etc., etc., etc.

TRIBUTO DE AMIGOS A UM FINADO.

4115 Pelo *Diario do Governo* de 3 do corrente soubemos que se abríra, preenchêra e fechára uma subscripção, para se erigir no cemiterio de Nossa Senhora dos Prazeres um monumento ao Sr. José Frederico Pereira Marecos: e que o producto (216$ rs.) sobrára ainda para sufragios. A lista dos contribuintes, todos amigos do illustre finado, completa a noticia.

Magoámo-nos e não podémos deixar de nos admirar de que para tão meritoria obra, nem sequer fossem avisados alguns dos mais antigos, mais sinceros e mais obrigados amigos do Sr. Marecos e de toda a sua respeitavel familia! Aquelle pequeno rol de nomes, assim apresentado seccamente, é uma injuria a muitos que mereciam achar-se n'elle, e injuria tambem ao proprio commemorado, que tinha dez vezes maior numero de intimos, do que por aquella desgraçada leitura se representa!

O JARDIM DAS DAMAS.

4116 Quando annunciámos o *Jardim das Damas*, lembrar-se-hão nossos leitores de que o fisemos a medo; parecia-nos pelo menos dificilimo, que tamanhas promessas litterarias e sobretudo artisticas se cumprissem. Saíu o 1.º numero, duvidámos ainda que tivesse descendencia; mas no praso prefixo seguiu-se-lhe segundo; após o segundo veio o terceiro, quarto, quinto; e já hoje nos achamos no decimo, sem que o programma haja sido, como era para temer, burlado totalmente. O papel é bom, a impressão nitida, os titulos doirados; traz lithographias aos seus romances; figurinos coloridos aos seus artigos de modas; desenhos para bordados; e musicas; tem poesias, charadas, anecdotas, noticias, critica litteraria, etc. Devemos confessar que nem tudo n'este jornal nos parece egualmente bom, nem o podia ser: mas é indubitavel que alli se encontram alguns pequenos escriptos de merito; e, muitos são elles se não todos, a levar-se em conta como se deve, que entre os numerosos collaboradores, todos mancebos, alguns apenas encetam a carreira de escriptores.

Pelo desinvejoso amor que naturalmente consagramos a todas as empresas litterarias, afoitâmo-nos a aconselhar aos directores d'esta — que evitem quanto podérem, o darem cabida a artigos de menos entidade ou menos acuradamente elaborados; e, que na critica sobre tudo, cifrem o seu timbre em serem, — para o repreensivel, repreensores inexhoraveis sem crueldade, — para o louvavel, louvadores certos sem adulação. Se alguem de fóra lhes pagar mal, dentro em si terão quem muito bem lhes ha-de pagar.

E' isto um conselho e não censura; que se algumas vezes as suas idéas teem descrepado das nossas, a respeito de tal ou tal escripto, não é isso só per si motivo para os suspeitarmos de desleaes ou previnidos. O que disemos, disemol-o sem refolhos.

Parece-nos hoje a principal das nossas necessidades intellectuaes o medir a todos, a conhecidos e a desconhecidos, por uma só vara e essa bem direita: e pesar a irmãos, a amigos, a adversarios, e até a ladrões, por uns sós pêsos e esses bem afferidos.

Os redactores do *Jardim das Damas* são mancebos: deem-nos elles esse nobre exemplo, a nós, os que presumimos de homens feitos, e que tão pequeninos somos, que a todas as horas estamos a mostrar, por modo vergonhoso, quanto d'elle carecemos.

ASYLO DE VELHICE DESVALIDA.

4117 Pelo *Diario do Governo* de 4 do corrente reconhecemos, com muito particular satisfação, que o Sr. Jacinto José Dias de Carvalho continua a pôr todo o seu evangelico zêlo a bem dos seus pobres de Sancto Antonio de Alameda; esmolando-os da sua bolsa, mendigando para elles, e empregando o seu valimento para lhes alindar a vivenda cada vez mais.

UMA POESIA DAS MAIS FORMOSAS DO CATHOLICISMO.

4118 O que ponderámos no artigo 2377, sob o titulo de *Estrella do Mar*, nos obriga a transcrevermos e nos desobriga de commentarmos o seguinte, que se lê no mais noticioso dos nossos periodicos, no dos *Pobres no Porto*:

« Hontem (27 de março) ás nove e meia da manhã entraram pelas ruas da cidade os marinheiros do navio Importador, chegado de Pernambuco, trazendo em offerenda a vela do mesmo navio, ornada de flores, e se dirigiam cantando á egreja de Sancta Clara, aonde offereceram a mesma vela, promessa que havião feito em frente da barra desta cidade, onde tinhão estado em perigo: muita gente os accompanhou no transito, pelo qual vinhão lançando foguetes. »

JUSTO MOTIVO PARA AS LAGRIMAS DE UM PAE.

4119 Sexta-feira, das tres para as quatro horas da tarde, vindo para terra a lancha do brigue Audaz, fundeado no Tejo, voltou-se, apanhada subitamente de lado por uma fortissima rajada de vento, que nem deu tempo a largar a escota, e offerecer a prôa, como é de regra em taes casos. A tripulação, composta do patrão, um aspirante de marinha, e cinco marujos, caiu ao mar; salvando-se com os soccorros das embarcações proximas todos, menos o aspirante, que desgraçadamente pereceu. Era filho do Sr. Rodrigo da Camara, um dos redactores do *Patriota*. Alguem attribue este funesto accontecimento á mal intendida afoutesa do patrão, que emvez de condusir a lancha a remos, a trasia á véla. *(Communicado.)*

SALVADO N'UMA TABOINHA.

4120 Sabemos pelo *Periodico dos Pobres no Porto* que o cantor da opera italiana d'aquella cidade Montemerli, ao saír ás dez horas da noite de 30 do passado, de uma casa ao *Poço das Patas*, fôra brindado de fóra com um tiro, que todavia lhe não acertou. O atirador, fugiu, deixando mais de um enigma ás conjecturas. Que motivo o indusia? contra quem se dirigia a sua furia? e finalmente quem era elle mesmo? Se se não chegar a conhecer o individuo, já se sabe pelo menos a especie a que pertence: essa especie é a dos covardes infames, que se divide em duas variedades, quasi egualmente asquerosas; os escrevedores de cartas anonimas e os assassinos mascarados: dizemos quasi egualmente, por que os assassinos ainda correm algum perigo e muito, de serem descobertos, emquanto os outros (tanto nojo teem elles proprios do que fazem) encobrem o nome, encobrem o rosto, encobrem a mão: o nome para que lh'o não commentem, o rosto para que lh'o não esbofeteem, a mão para que lha não quebrem com a penna.

SALVADA N'UMA TABOINHA.

(Carta.)

Porto 31 de março de 1845.

4121 Corridos os banhos, feito o enxoval, convidados os parentes e amigos, estavam para se receber n'esta cidade uma rapariga daqui e um sujeito que na Bahia passára annos e não sei se de lá era natural. Na vespera apparece dramaticamente um tio do noivo e com uma palavra faz mais que Alexandre com a espada, corta o nó indissoluvel, ainda antes de dado. Seu sobrinho é casado e tem mulher viva no Brasil. Julgar-se-ha que o enganador ficasse chorando, e a desenganada tanto a tempo, muito contente?! Pois foi inteiramente pelo avesso: chorou ella e elle ficou-se rindo.

De V. etc.

Outra Portuense.

SACRILEGIO.

4122 A paroquial de S. João das Caldas de Vizella foi entrada pela torre em a noite de 17 do passado e despojada de algumas alfaias de pequeno preço, por não ter de outras.

BIBLIOTHECA PUBLICA DE LISBOA.

4123 A necessidade, tantas vezes ponderada e cada anno, cada mez e cada dia mais urgente, de se olhar pela conservação da bibliotheca publica de Lisboa, foi emfim attendida pelas cortes na sessão de 5 de abril. Por occasião de lhes apresentar os quatro volumes do recém-impresso relatorio documentado d'aquelle estabelecimento, obra a que por falsa modestia não recusaremos, como outros por ingratidão ou inveja, o devido louvor, ponderou-lhes e provou-lhes o Sr. José Feliciano de Castilho a indispensavel necessidade de se preparar quanto antes casa nova, para onde aquelle copiosissimo e mui consultado deposito de sciencia se refugiasse contra as aguas, que no inverno o encharcam, e o corrosivo pó dos tijolos que o devora nas securas do verão: e requereu que por uma providencia prompta se procurasse pôr termo á devastação, já começada, já visivel, sempre recrescente e que dentro em pouco viria a ser irremediavel. As cortes auctorisaram ao governo para a necessaria edificação, que é de esperar não tarde em começar-se.

A escolha do logar para ella deveria entrar a ser, desde já, discutida pela imprensa periodica.

JOÃO D'AVILA.

4124 Havemos lido com muito interesse um opusculo publicado na cidade de Angra, com o titulo de « Memoria biografica do Terceirense João d'Avila: « fidalgo cavalleiro da Real Casa d'El-rei D. Affonso « VI, cavalleiro das ordens de Christo e S. Bento « d'Aviz, e primeiro capitão do memoravel cerco do « Castello de S. Filippe da ilha Terceira no anno de « 1641. Escripta por Felix José da Costa. 1844. »

Dando ao auctor os devidos emboras por esta sua tentativa já tão cabal, que mais parece obra de mão ha largos annos exercitada no mister de escrever historia, exhortâmol-o a continuar n'este genero de trabalhos, para que se descobre ter nascido, pela paciencia e escrupulo com que investiga a verdade, pela facilidade e claresa com que a expõe e até pelo entra-

nhado amor que bem se vê consagra aos nossos dois thesouros maximos, a nossa terra e a nossa lingua.

ALIENAÇÕES MENTAES.

4125 Por toda a parte se falla na quantidade de loucuras, que ultimamente se tem desinvolvido em Lisboa e que alguns se lembram de imputar ás irregularidades athmosphéricas. Diz-se que nunca foi maior o trafego no hospital dos alienados, e observa-se, segundo ouvimos, que os accessos dos que alli se achavam, ha já mais tempo, se teem agora feito mais violentos e amiudados.

No domingo 30, um homem ainda moço e rico, que para lá tinha sido levado por desarranjo cerebral, resultante, segunde parece, de excessos de prazeres de todo o genero e que tinha sido fechado em um quarto particular, abre de noite a janella, (era altura de dois andares); precipita-se: — cae sobre uma parreira que o aguenta e o salva; dirige-se por cima d'ella até á borda de um muro elevado que diz para a rua; d'alli se despenha novamente; e, despedaçado nas pedras da calçada, expira.

Terça-feira 1 do corrente, atravessava, n'uma sege aceada, as ruas da baixa em direcção para o mesmo asylo, um sujeito bem vestido, que, abraçado a um crucifixo pintado n'uma taboa, ía prégando em descompassados gritos ao povo que passava, ao tropel de rapases que o seguiam, e á gente que saía ás janellas e portas para o ver. As suas palavras manifestavam um total desconcerto de idéas, producto de erros religiosos, e de terrores exagerados sobre as difficuldades da salvação.

Outros factos analogos nos teem vindo ao conhecimento: mas que aproveitaria entristecer com elles os leitores??

MACROBIOS.

4126 Lê-se nos *Pobres no Porto*: —

Escrevem de Penafiel o seguinte:

No dia 18 de fevereiro passado falleceu na freguezia da Magdalena de Gaya um velho por nome Antonio Bronze, do logar da Costa, de idade 98 annos, paneleiro, pobre, mas honrado: e no dia 21 falleceu na mesma freguezia uma mulher tambem pobre e de muito bons costumes, chamada Thereza Maria, do logar da Pedreira; tinha de edade 105 annos; nunca tomou remedios, e quando estava doente apegava-se com a Senhora do Rosario.

PROSPECTO.

UMA VIAGEM AO VALLE DAS FURNAS NA ILHA DE S. MIGUEL EM JUNHO DE 1840.

4127 Compreendera': — historia — povoação — agricultura — descripção — analyse das aguas medicinaes — ardim do consul americano — ermitões do valle das furnas — antiga fabrica de pedra-hume no dito valle — erupção n'este valle — observações meteorologicas — apendice 1.° — descripção inédita das furnas pelo Doctor Fructuoso — 2.° noticia da subversão em 1522 — 3.° epitome da epocha mais notavel do ilheo de Villa Franca do Campo, ou do seu abrigo maritimo.

Conterá tres estampas, uma do valle; um *Fac-simile* de um mappa de 1792 mostrando as caldeiras n'aquella épocha; e uma copia do desenho das furnas no anno de 1813: e quatro paizagens, ou vinhetas, exhibindo: — 1.ª os habitantes do valle das furnas — 2.ª o logarco e egreja parochial do valle das furnas — 3.ª a principal caldeira das furnas com o sitio que lhe fica proximo — a casa, lago, e bosque do consul Americano.

Aos srs. subscriptores 480 réis, avulso 720 réis. Subscreve-se na loja da viuva Henriques, rua Augusta n.° 1.

NEVE EM MONCORVO.

(*Carta.*)

Moncorvo 13 de março de 1845.

4128 No dia 7 do corrente março, principiou a nevar aqui por fim da tarde de tal maneira, que na seguinte manhã parecia que as fadas se tinham andado divertindo n'aquella noite, a desenrolar por todo o terreno, que a vista abrangia, uma rica e vistosa alcatifa de candidos arminhos: tal era a alvura deslumbrante, que apresentava uma camada de neve na altura de quasi duas polegadas. No dia 8 continuou a nevar por intervallos e com tanta força, como outras vezes acontece em dezembro e janeiro, tanto assim que sendo aqui feira aos 8 de cada mez, esta passou em claro, porque os feirantes não poderam armar as suas barracas. Um velho d'esta villa diz, que n'aquelle mesmo dia se contavam 50 annos desde que n'outro tal acontecêra exactamente o mesmo, obstando tambem a que a feira se fizesse.

A neve principiou logo a derreter na tarde do dia 8 em que o sol ainda appareceu, e na de 9 sómente existia alguma no cume das serras que se avistavam.

O fructo da amendoa achava-se no prazo mais critico, pois que estava limpando da flor, e em sitios mais quentes já se achava limpo, o que n'outros annos acontecia mais cedo; mas talvez não perigue, porque o que lhe é mais nocivo é, quando estando as arvores molhadas limpa de noite e lhe gia em cima, porque então é morte certa; e os nordestes em tal edade tambem lhe são muito nocivos. Deus permita não tenha perigo, porque muito se percisa por aqui de que se faça dinheiro, e que os fructos ao menos não escaceem na abundancia, como acontece nos preços.

De V. etc.

Francisco Antonio Carneiro de Magalhães.

HONRAS A UM SANCTO PORTUGUEZ.

4129 O Bispo de Profirio, vendo no martirologio romano, que não havia no santuario pontificio uma reliquia do portuguez, S. Gonçalo de Lagos, protector de Torres Vedras, solicitou que se pedisse a Portugal, que de Lagos a mandassem, pressuppondo que lá se encontraria. O prelado do Algarve, a quem o nosso encarregado de negocios em Roma escrevêra sobre este empenho que já o era de Sua Santidade, não possuindo mais do que uma pequena reliquia, dirigiu-se ao vigario da vara de Torres Vedras, d'onde a dicta reliquia tinha ido depois da canonisação em 1760. Avisado d'isto pelo vigario o Emm.° Sr. Cardeal Patriarca, mandou-lhe uma provisão, auctorisando-o para que elle mesmo, acompanhado de tres sacerdotes, abrisse a urna em que as reliquias se continham, e d'ella extrahisse uma para se mandar para Roma.

A 12 de janeiro d'este anno, se realisou a pia cerimonia na grande egreja da Graça, custosamente adereçada: foi festa devota, estrondosa e concorrida de todo o povo da villa e circumvisinhanças. De tarde fez-se procissão em que ía a urna debaixo do palio. « Só faltou, — diz o correspondente que isto nos annuncia — a camara municipal, que em 1760 se obri- « gára ao culto do sancto, assistindo-lhe ás matinas e

« á festa em 16 de novembro, e o tomára por protector dos povos de Torres Vedras. «

Recolhida a procissão e depositada a urna no altar mor, abriu-se esta: todo o povo accorreu a beijar uns ossos que nunca tinha visto; feito o que se apartou um para ser remettido para Roma.

Fôra esta urna dada á egreja de Torres Vedras por elrei D. Pedro III: é forrada de seda branca bordada de oiro: os ossos jazem involtos em mortalha tambem de seda sobre colchão da mesma droga, alva, e tambem recamada de oiro. Ao pé está, n'uma arquêta de chumbo, o auto da canonisação atado e lacrado com os sellos de Francisco I, nosso então patriarcha: contêm de mais alguns dinheiros de D. João II, e D. Sebastião se o nosso correspondente se não engana. Por fóra é o cofre vestido de certa fazenda a que se não acerta bem o nome, e não menos bordada de oiro: tem o tudo tres palmos de comprido e dois de largo: fecha-se com 3 chaves.

OPERA PORTUGUEZA.

4130 Continua a representar-se no theatro dos Condes o *Caçador*, opera-comica em um acto, poesia do Sr. Mendes Leal (e é diser tudo), musica do Sr. Frondoni (que não é diser pouco). A opinião mais geral ácerca d'esta composição, opinião com a qual a nossa concorda tambem, é que a musica não condiz tanto com a nacionalidade dos ouvintes e do assumpto como com a de seu auctor.

E' engenhosa, é sabia, é bella em partes, mas não é nossa: não nos recorda coisa alguma da nossa infancia e dos nossos campos, e falta é esta que nenhum outro merito póde compensar.

Se o Sr. Frondoni ou qualquer outro compositor (mormente dos nossos patricios, e lembramos o Sr. Pinto) podesse agora na estação das musicas da natureza, em que as aves, e em que as mulheres, como que por instincto, recomeçam a cantar, inspiradas pela fragrancia das flores, pelo calor do sol, e pelo do sangue retemperado de amor, se podesse, se podessem dizemos, ir dar um passeio por essas nossas provincias, que thesoiro não colligiriam de cantilenas, qual a qual mais graciosa, todas como cheiro da nossa terra, que não será absolutamente o mais fino, mas ha-de ser sempre para nós o mais delicioso? De passo a passo iriam descobrindo novas minas d'estas, que ao revez das outras, só se esgotam e se consomem quando as não exploram; salvariam tradições melodiosas que não merecem morrer, e que hão-de morrer italianisadas se lhes não accudirmos.

Que vão, que vão nas boas horas, e quando tornarem, e com as impressões ainda vivas do que por lá ouviram, e a quem, e em que sitios, e com que circumstancias para elles tão novas e tão poeticas, comporão sem esforço e com delicias: e todos nós nos apinharemos applaudindo, não tanto com bravos, como com o silencio religioso, o haverem-nos reposto nos bellos dias, e nos logares mais aprasiveis da nossa vida!

Mas que podemos nós accrescentar agora ao que já ponderámos, e tão baldadamente, sobre este assumpto ha quarenta e um mezes, no artigo 134 do primeiro volume?! Não importa! no que intimamente julgamos bom, teimamos, e havemos sempre de teimar.

A FORTUNA BEM EMPREGADA.

4131 Porque triste fatalidade acontece que, depositando semanalmente para esta folha tamanho numero de crimes e desgraças, raras vezes se nos deparem feitos ou dictos, que mereçam propostos ao respeito e á imitação?! Será porque o mal é commum e a virtude rarissima?! Os pessimistas assim o dizem: nós não o cremos. Explicação mais verosimil nos parece, que procurando a bondade, assim como o crime, encobrir as suas obras, — ella por modestia, elle por vergonha e ambos por medo — elle da infamia e do castigo, ella do premio ou da gloria, — menos interessados ha com tudo em descobrir e pregoar o que não brilha senão com uma luz pequena e suave, do que ess'outras coisas que abalam fortemente os sentidos, e, que negrejando na vida real, como que estão mais harmonicamente conformes com os negrumes, de que a litteratura do nosso tempo prefere vestir-se e ataviar-se. Outras razões poderá haver: mas para explicação bastaria esta: porque se as acções bellas, que se relatam são poucas em comparação das deploraveis que tão alto soam, em compensação são ellas na realidade muito mais frequentes, e é talvez essa mesma frequencia tambem a que faz com que menos deem na vista. Os casos de generosidade, de sacrificio e de abnegação, rara será a pessoa que os não tenha presenciado mais ou menos, rarissima a familia em que se não tenham activa ou passivamente praticado.

Já alguem nos accusou de tanto referirmos horrores, sem lhes entresacharmos côres mais alegres se não de longe a longe. Se nós fizessemos novellas como fasemos collecção de elementos para estatistica, muito peso teria a arguição: nós porém repetimos o que nos vem á noticia, e com melhor vontade aproveitamos sempre o bom e louvavel, do que o feio, repreensivel e criminoso. Estes inimigos de relações tragicas melhor fariam em nol-as darem verdadeiras, de natureza instructiva, ou pelo menos divertidas e alegres. — Juramos-lhes que tambem nós as preferimos; e nunca já mais passa uma ao nosso alcance, que avidamente a não apanhemos; para a repartirmos pelo publico. Eis-aqui uma que bem merece tirada da obscuridade.

Costumavam os empregados da officina lithographica do Sr. M. L. entrar de sociedade n'um bilhete de cada loteria da misericordia. N'uma das ultimas eximiu-se um d'elles de tomar o seu quinhão, porque, disse elle, tinha perdido a fé e não devia ir perder mais doze vintens, de que a sua indigente familia tanto necessitava. Um seu companheiro, outro pobre, mas que de cada vez entrava com 720 rs. tomou o quinhão engeitado e ficou com a sua entrada de 960 rs.

Anda a roda: sae no bilhete o premio grande. Toda a sociedade ficou em alvorôço; ¿todos? — menos um, que sem inveja mas triste considerava a felicidade, que elle proprio renunciára, e parecia queixar-se mudamente d'este novo escarneo, que a fortuna acintosa veio faser das suas penas.

— Meu amigo, — lhe diz, chamando-o á parte, o companheiro que tinha aproveitado, o seu quinhão — não quero que estejas desconsolado quando todos folgamos, nem pobre onde todos somos ricos: recebe o que te pertence, que são 250$ rs. de que me has-de tornar 240 rs., que foi o com que eu entrei por ti. «

« Este homem devêra a lithographia retratal-o para sua gloria e pôr-lhe em lettras de oiro o nome, que nós ommittimos por lh'o ignorarmos.